



O HOMEM DOS LOBOS E A QUERELA DOS DIAGNÓSTICOS: DA CENA PRIMÁRIA AO FIM DE ANÁLISE

THE MAN OF THE WOLVES AND THE QUESTION OF THE DIAGNOSTICS: FROM THE PRIMARY SCENE TO THE END OF ANALYSIS

Elizabeth Fátima Teodoro¹
Mardem Leandro Silva²
Daniela Paula do Couto³

RESUMO: O caso clínico do Homem dos lobos descrito por Freud no texto “História de uma neurose infantil”, completou 100 anos de sua publicação no ano de 2018 e mesmo diante dessa extensão temporária inúmeros aspectos do caso se destacam como fundamentais para se pensar alguns impasses atuais. Objetiva-se, neste artigo, investigar tal caso por meio dos seguintes eixos - cena primária, enquanto uma realidade material e/ou psíquica; a multiplicidade diagnóstica, problematizando a quantidade de hipóteses diagnósticas depreendidas das análises e releituras do caso; e a fixação do tempo para o fim de análise, buscando compreender se foi ou não um manejo precipitado. A metodologia escolhida foi a investigação teórica com base nos textos freudianos, sem desconsiderar outras articulações de outros autores psicanalíticos. O estudo apontou para o desenvolvimento do conceito de cena primária; a diversidade diagnóstica e o fim de análise. Em termos contemporâneos, o caso mostra-se bastante atual, principalmente, no que concerne à querela diagnóstica a respeito das classificações do sofrimento mental em tempos de supremacia do DSM-5.

PALAVRAS-CHAVE: Caso clínico; Freud; Homem dos lobos; Diagnóstico; Psicanálise.

ABSTRACT: The clinical case of the man of the wolves described by Freud in the text "History of a neurosis infantil", completed 100 years of its publication in the year 2018 and even before this temporary extension numerous aspects of the case stand out as fundamental to think some current impasses. The objective of this article is to investigate this case through the following primary scene axes, as a material and / or psychic reality; the diagnostic multiplicity, problematizing the amount of diagnostic hypotheses derived from the analyzes and readings of the case; and the fixation of the time for the end of analysis, trying to understand whether or not it was a precipitate management. The chosen methodology was the theoretical investigation based on the Freudian texts, without disregarding other articulations of other psychoanalytic authors. The study pointed to the development of the concept of primary scene; the diagnostic diversity and the end of analysis. In contemporary terms, the case is fairly current, especially with regard to the diagnostic quarrel about the DSM-5 mental suffering classifications in times of supremacy.

KEYWORDS: Clinical case; Freud; werewolf; diagnosis; psychoanalysis

1 À GUIA DE COMPREENSÃO

A psicanálise se constitui enquanto um exercício clínico que propõe tratar o sofrimento psíquico por meio da investigação do inconsciente. Nessa prática, vemos se imbricarem conceitos clínicos e teóricos que engendram a trama da *práxis* psicanalítica. É nesse contexto que o estudo de caso surge como método que permite o trânsito entre essas duas esferas, uma

¹ Mestranda em Psicologia, na linha de pesquisa ‘Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia’ pela Universidade Federal de São del-Rei. elektraliz@yahoo.com.br

² Doutorando em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente no curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais Divinópolis. mardemls@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente no curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais Divinópolis. dp.couto@yahoo.com.br

vez que os fragmentos clínicos sempre demonstram algum enunciado teórico (MARCOS, 2014). Assim, o estudo de caso, dentre outras coisas, torna-se um eficiente instrumento de atualização tanto da teoria quanto da técnica de escuta (HILÁRIO; PIOSEVAN; LAGO, 2010), pois a partir de suas particularidades, é possível “recolher duas funções caras à psicanálise: a função da literalidade do escrito; a função de expoenciar o saber adquirido com os ensinamentos do caso, tornando-o dispositivo problematizador da [...] generalização teórica da doutrina psicanalítica” (VORCARO, 2010, p. 16).

Por esse viés, torna-se perceptível a existência de uma consonância

entre um caso e a teoria da qual ele parte e teríamos um saber congruente com a realidade que ele descreve. Nele, o caso surge como ilustração da teoria e o fragmento teórico tomado como referência transforma-se em uma espécie de coeficiente da realidade. A singularidade que o caso clínico tinha, por assim dizer, missão de enunciar desaparece. (MARCOS, 2014, p. 12).

É interessante perceber que o caso clínico permite estar atento quanto à oposição entre o que há de singular na história de cada sujeito, fundamental para a psicanálise, e à generalização implícita nos métodos científicos. Dessa forma, Lyra (2006) esclarece que a psicanálise tem um método próprio que se baseia “na observação empírica dos dados clínicos; podemos caracterizá-lo como um método hipotético-dedutivo [...] ou seja, ele formula hipóteses e deduz estruturas do psiquismo a partir das evidências clínicas” (p. 323). Nesse contexto que Freud decanta de seus atendimentos casos clínicos para que possa tanto avançar nas formulações teóricas quanto transmitir esse saber (VORCARO, 2010). Dessa forma, “o método alimenta a produção teórica, e esta, por sua vez, dá ao método o estatuto que ele tem” (GRAJEW, 2019, p. 10).

Por esse viés, objetivamos realizar uma leitura de um dos casos clínicos freudianos conhecido como o Homem dos lobos que se encontra descrito no texto “História de uma neurose infantil”, escrito em 1914 e publicado em 1918. Tal leitura foi balizada por três eixos que consideramos fundamentais, pois além de conservarem seus traços de inquietação, permitenos constantes reflexões e avanços teóricos para pensar certos impasses tanto clínicos quanto teóricos da atualidade. Com efeito, os eixos podem ser definidos como: a cena primária, enquanto uma realidade material e/ou psíquica; a multiplicidade diagnóstica, de modo a problematizar a quantidade de hipóteses diagnósticas apreendidas da análise e releituras do caso de Serguei; e a fixação do tempo para o fim de análise, a fim de compreender se foi ou não um manejo precipitado.

Para tanto, lançamos mão de uma investigação teórica com enfoque em textos psicanalíticos, principalmente, freudianos, mas sem desconsiderar as releituras de Lacan e Miller do

caso. Utilizou-se também o auxílio de comentadores como Luiz Alfredo Garcia-Roza, Elisabeth Roudinesco, Agnes Aflalo, Antônio Quinet e Jean-Michel Quinodoz.

O interesse por esse caso se justifica pela complexidade que o mesmo toma dentro da teoria psicanalítica, uma vez que ele foi relatado por no mínimo três pessoas – Freud, Bruswick e o próprio analisando – além de ter sido amplamente estudado e debatido no meio psicanalítico (GRAJEW, 2019). O Homem dos lobos é descrito por Jones (1989) e Gay (1993), biógrafos de Freud, como o mais notável e extraordinário entre todos. Isso porque, até os dias atuais, muitos pesquisadores detêm nesse caso “seus olhares, devido à complexidade tanto em termos de variações diagnósticas, quanto em termos de compreensão do próprio caso, no intuito de indicar que se trata de algo inaugural para Freud: a interpretação de uma neurose produzida na infância” (GARCEZ; COHEN, 2011, p. 74).

A partir desse caso também pode-se evidenciar como a prática diagnóstica vigente em grande parte da psiquiatria contemporânea – em tempos de supremacia do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) – tem se tornado cada vez mais distante da leitura psicanalítica. Isso porque essa última se faz por meio da escuta de cada sujeito, o que termina por exceder sobremaneira à classificação diagnóstica ao resgatar a singularidade do sintoma e a primazia do caso a caso.

Destaca-se, desse modo, que os variados diagnósticos que recebe dos estudiosos ao longo do tempo esbarram nos impasses classificatórios da contemporaneidade, uma vez que isso aponta para a complexidade existente na tarefa diagnóstica. Como denuncia Miller (2003), tal tarefa não pode ser automática como uma “utopia do DSM [e seu ato de diagnosticar] que poderia ser formulado sem que se necessite pensar, onde seria necessário apenas registrar alguns dados, sistematizá-los e alimentar uma máquina com eles, que esta daria o diagnóstico” (p. 8).

Com efeito, a riqueza que encontramos nas discussões diagnósticas do caso do Homem dos lobos nos permite apreender como essa forma automática de operar a classificação, vigente na atualidade, empobrece a dinâmica diagnóstica ao privilegiar a descrição de sintomas e a proliferação de nomes de transtornos mentais. Portanto, tal investigação se faz necessária, pois a teoria freudiana desponta-se como referência fundamental na compreensão do processo diagnóstico, de modo que a leitura de questões clínicas pode nos fornecer elementos para uma compreensão mais ampliada dos impasses da classificação no contemporâneo. Além de possibilitar a atualização de traços fundamentais dos casos clínicos em psicanálise.

2 DA HISTÓRIA DE UM HOMEM AO HOMEM DA HISTÓRIA

Os desdobramentos da análise do caso clínico de Serguei Constantinovitch Pankejeff, o Homem dos lobos, foram inúmeros, uma vez ele não somente viveu 92 anos, como permaneceu em análise até o fim de seus dias, aceitando inclusive contar sua experiência de análise com Freud e escrever suas próprias memórias. Tudo isso forneceu material suficiente para diversas releituras do caso que suscitaram várias críticas seja no que concerne às hipóteses diagnósticas, seja às condutas clínicas, inclusive por parte do próprio Freud.

Nesse sentido, Vieira (2012) esclarece que “um caso só será clínico se seu valor de apreensão da atuação psicanalítica se mantiver preservada a cada novo leitor” (p. 707-708), uma vez que o efeito de transmissão se apresenta como fundamental em psicanálise. O mesmo autor ainda atribui ao texto do Homem dos lobos a característica de clássico, visto que o mesmo conserva em sua essência um caráter de “texto-que-perturba”. Aqui, vemos se aproximar o valor clínico da literatura, posto que “ela, tal como a psicanálise, verifica o poder da palavra sobre o corpo” (p. 708).

Diante desse contexto, presenciamos a história de Serguei se entrelaçar à história do movimento psicanalítico. Isso porque ele não somente se coloca à disposição dos psicanalistas e historiadores como passa a ser assistido financeiramente, primeiro por Freud e, posteriormente, pela Sociedade Psicanalítica Vienense até o fim de seus dias (ROUDINESCO; PLON, 1998). Esse fim é interessante na medida em que se percebe que o enlace à um cenário repleto de fracassos e ligações sistematicamente infelizes, presente em sua chegada ao consultório de Freud (BARRETO, 2011), permanece até o fim de sua vida, situação que iremos retomar mais adiante.

Assim, não se configuraria um erro pensar, em consonância com Mahony (1992), afirmar que provavelmente, Serguei nunca tenha, de fato, finalizado sua análise com Freud, uma vez que o fato de ter se identificado com a nomeação “Homem dos lobos” e se sentir “o filho preferido” do criador da psicanálise, juntamente com a necessidade de postergação de conclusões, própria do neurótico obsessivo, tornou-o alheio a qualquer implicação e responsabilidade por seu estado. A ponto inclusive de se sentir no direito de ser assistido financeiramente por Freud e a sociedade psicanalítica.

Depreende-se, certa acomodação por parte do paciente, visto que a situação lhe parecia confortável, de modo que não seria necessário avançar nas descobertas de sua neurose (GARCEZ; COHEN, 2011). Essa percepção leva Freud a constatar uma estagnação de avan-

ços significativos na análise de Serguei. Situação que precipita a tática de definir uma data para o fim do tratamento (QUINODOZ, 2007).

Esse caso, portanto, suscita o problema da eternização da transferência na neurose obsessiva e a prefixação de um término para a análise. Isso porque o paciente, ao perceber que Freud falava sério sobre a data, começa a fornecer material para a elaboração dos problemas intestinais, de modo que o mestre vienense constata a “cura” de Serguei. Mas até onde podemos pensar essa evolução do caso como uma produção do paciente destituída do desejo do analista? Ao que tudo indica a linha que separa paciente e analista, especialmente, nesse caso, mostra-se extremamente tênue. É nesse contexto que Nasio (1993) afirma que o analista faz parte do sintoma do analisando, somente a partir disso é possível verificar o que chamamos de transferência analítica.

Por esse viés que Vieira (2012) nos chama a atenção para o fato de que uma aproximação histórica possibilita verificar como se configura em um erro apostar na história como modo de propagar um caso clínico. Com isso, o autor aponta como se torna perigoso rastrear na biografia de Serguei traços que confirmem ou refutem os achados clínicos freudianos como buscou fazer Muriel Gardiner em seu livro “*L, homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*”. Isso porque pode-se aprender muito sobre o Homem dos lobos, biograficamente, mas tais informações não acrescentam em termos de conhecimento psicanalítico. Dessa forma, ressalta-se “que um caso psicanalítico deverá realizar a proeza de incluir seu real no próprio texto, sob pena de não se distinguir de uma ficção histórico-biográfica” (p. 709).

Dito isso, pontuamos que como o caso clínico do Homem dos Lobos é extremamente rico, realizamos um recorte de alguns aspectos que nos chamaram atenção, a fim de realizar uma leitura mais detalhada. Os eixos escolhidos foram: a cena primária, enquanto uma realidade material e/ou psíquica; a multiplicidade diagnóstica, problematizando a quantidade de hipóteses diagnósticas depreendidas da análise de Serguei com Freud e das releituras de outros psicanalistas; e a fixação do tempo para o fim de análise, buscando compreender se foi ou não um manejo precipitado.

3 CENA PRIMÁRIA: UMA ESTRANHA MEMÓRIA SEM LEMBRANÇA

Com o caso do Homem dos lobos, Freud quer confirmar sua teoria do fator infantil como essencial na determinação da neurose. Assim, ele realiza, a partir do caso, uma mostração de suas formulações teóricas sobre como “a neurose da vida adulta foi precedida por uma neurose nos primeiros anos da infância” (FREUD, 1918[1914]/1996, p. 63). Ressaltamos que

a mostraçãõ, em psicanálise, opera fazendo borda no que é impossível de se transmitir, sendo possível assim tocar fragmentos de real de um caso (HARARI, 2009). Nesse sentido, o médico de Viena busca apontar, no caso, os eventos infantis que contribuíram para o desenvolvimento da neurose de Serguei. Dentre esses eventos infantis, verificamos que, grande parte da análise do caso, circunda a questão da cena primária.

Tal cena, segundo Roudinesco e Plon (1998), geralmente, da relação sexual entre os pais, é compreendida pela criança como um ato violento. É interessante que essa cena pode não ser vista de fato, mas somente imaginada. Porém, a criança ainda não possui a capacidade de simbolizar esse registro que marca sua inscrição no inconsciente. O que significa que “a cena primária não é, em si mesma, traumática; o efeito traumático ocorre só depois, quando a criança tem possibilidade de significá-la” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 184). Esse *a posteriori* da teoria freudiana para a construção do trauma, aponta como a noção do tempo, em Freud, já é fundamental. De modo que precipitam-se dois tempos, um primeiro em que há a cena propriamente dita e um segundo no qual há uma significação da cena. Assim, a criança constrói teorias a fim de tentar dar conta da intensidade dos afetos despertados pela percepção da cena primária (FREUD, 1905/1996).

No caso do Homem dos lobos, a cena primária concerne ao coito entre os pais, no qual a posição de ambos remete à cópula de animais, que teria sido vista pela criança quando tinha um ano e meio de idade (FREUD, 1918[1914]/1996). Segundo Quinet (2004), essa cena faz Serguei se deparar tanto com a diferença sexual quanto com a castração no âmbito da visão. Porém, somente aos quatro anos a criança consegue ressignificá-la por meio do sonho dos lobos, relatado da seguinte forma a Freud:

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que me havia acontecido. Levou muito tempo até que me convencesse de que fora apenas um sonho. (FREUD, 1918[1914]/1996, p. 39).

A partir dessa descrição é possível destacar alguns pontos importantes do conteúdo manifesto do sonho para compreender como Freud (1918[1914]/1996) fará uma análise que lhe permite a reconstrução de uma cena primária. Nesse contexto, tem-se: 1) a janela que se abre sozinha; 2) o terror ao ver seis ou sete lobos muito brancos e muito quietos sentados na

grande árvore em frente à janela, olhando fixamente para o menino; 3) os lobos se pareciam com raposas ou cães pastores; 4) o acordar aos gritos no meio da noite pelo terror de ser comido pelos lobos. Com tais elementos centrais, o médico vienense opera uma torção interpretativa, na qual o garoto não seria observado, mas o observador dos lobos em movimento. Movimento esse que faz emergir a cena da cópula dos pais presenciada no primeiro ano de vida de Serguei.

Assim, por meio de um minucioso trabalho de análise desse sonho, Freud (1918[1914]/1996) consegue remontar a cena primária que teve papel fundamental no posicionamento subjetivo que Serguei assume ao longo de sua vida. Após o sonho, iniciou-se um medo de ser devorado pelo lobo que, no entendimento freudiano, correspondia ao desejo de ser copulado pelo pai e se satisfazer como a mãe. É digno de nota a ressalva feita por Garcia-Roza (2008) de que essa cena de acasalamento dos pais jamais foi evocada. O que significa dizer que ela foi reconstruída por criador da psicanálise a partir do relato do sonho e das associações do analisando.

No desenrolar da leitura do caso, uma pergunta se insinua constantemente: afinal a cena primária é uma realidade material ou psíquica? O próprio Freud (1918[1914]/1996), ao longo do texto, levanta algumas dúvidas a esse respeito. Em sua tentativa de responder, evidenciamos que ele apresenta mais de uma resposta. A primeira delas aponta que o Homem dos lobos não precisa, necessariamente, ter visto a cena entre os pais, podendo ter presenciado o coito de animais e inferido que os pais procediam de maneira semelhante. Assim, verifica-se uma valorização da fantasia, em que ele afirma que nesses casos, não se deve duvidar de que se trata de “uma fantasia, que nasceu talvez da observação de relações sexuais de animais” (p. 67).

Entretanto, em um segundo momento, Freud (1918[1914]/1996) pontua que se a cena primária não faz parte da herança ontogenética de Serguei, possivelmente, faça parte de sua herança filogenética. Nesse momento, é preciso nos determos nesses dois termos – ontogênese e filogênese – os quais correspondem a uma evolução do indivíduo e da espécie, respectivamente. O mestre de Viena acreditava na possibilidade de se pensar teoria da recapitulação da biologia, segundo a qual a ontogênese seria uma breve e rápida recapitulação da filogênese, para se pensar a psique. Em outras palavras, do mesmo modo que um organismo reproduziria as principais mudanças sofridas pela espécie, o mecanismo psíquico também o faria (FERRETTI, 2014).

Assim, como as recordações de Serguei não são suficientes para preencher todas as lacunas que se formularam na vida do indivíduo, Freud (1918[1914]/1996) recorre à filogenia

que lhe permite deduzir o temor da castração paterna. Isso porque a filogênese permite a introdução de um elemento esquemático que possibilite o avanço do processo interpretativo (FERRETTI, 2014), nesse caso, trata-se de um “registro interpretativo-constructivo” (p. 113) próprio da psicanálise.

Retomando a questão da origem da cena primária, depreende-se que ainda que as duas alternativas – realidade material e realidade fantasiada – apresentadas por Freud (1918[1914]/1996) apontem para uma fantasia, Versiani (2001) evidencia que a impressão que se tem é que Freud preferia acreditar na realidade material dessa cena. Mas quais seriam as consequências para análise do caso em considerar a cena como fantasia ou realidade material? O recurso à filogênese e, conseqüentemente, à fantasia permitia ao médico vienense pensar para além de sua primeira teoria da sedução, sendo possível inclusive localizar a realidade da castração e da sedução em um tempo originário, no qual o real, ainda que não pudesse ser verificável, poderia ser acessado por meio de conjecturas, aos moldes de “Totem e Tabu” (FERRETTI, 2014).

É nesse contexto que Mahony (1992), em seu livro “Gritos do Homem dos Lobos”, afirma que “No mito traumático densamente investido da cena primária ele (Freud) é, em vários níveis, o criador de sua própria cena primária: ele gera a cena, a presencia e a engendra repetidamente no seu paciente, tenta ‘convencê-lo’ da sua construção ou criação” (p. 155, grifo do autor). Isso porque o objetivo central de Freud, ao relatar o caso, como já mencionamos acima, era comprovar a veracidade de sua teoria sobre o caráter nuclear da sexualidade infantil na gênese das neuroses. Para isso, era preciso que seu paciente compartilhasse com ele a convicção sobre a cena primária. Novamente, vemos se imbricar analista e analisando, o que nos leva a questionar se o diagnóstico também será influenciado pelo analista na clínica.

4 DIVERSIDADE DIAGNÓSTICA: UM CASO PARADIGMÁTICO PARA A PSICANÁLISE

Ao estudar o caso clínico do Homem dos lobos, outro aspecto que nos instiga diz respeito à multiplicidade de hipóteses diagnósticas com as quais nos deparamos, seja no relato publicado por Freud ou nos subsequentes de outros profissionais que, de alguma forma, se debruçaram por sobre esse paciente tão controverso.

Por esse viés, pontuamos que Freud (1918[1914]/1996) trabalha com a hipótese diagnóstica de uma neurose obsessiva associada a uma série de sintomas fóbicos (fobia dos lobos) e histéricos (distúrbios intestinais). No tocante à fobia, Aflalo (2011) aponta como são díspar-

res a fobia no caso do Homem dos lobos e no pequeno Hans. É fato que nos dois casos, o sintoma resulta de uma substituição do pai por um animal que causa fobia, porém, as neuroses se diferenciam quanto à apresentação da angústia, do sintoma e da inibição (p. 55). No que concerne à angústia, enquanto Hans “apresentava uma angústia de castração, pois temia ser mordido pelo cavalo, [o homem dos lobos] apresentava uma angústia de morte, expressa pelo medo de ser devorado pelo lobo” (TIRONI, 2013, p. 55).

Já o sintoma, nos dois casos, refere-se a um animal, entretanto, Hans teme todos os cavalos, enquanto Serguei teme um lobo de pé advindo dos contos de fada apresentados pela irmã. Portanto, “o cavalo de Hans requer o campo da percepção, ao passo que o lobo de Serguei Pankejeff é feito de relato e de imagem” (AFLALO, 2011, p. 56). Por fim, os modos diferentes de apresentação da inibição que para Hans “gera uma inibição sintomática que limita consideravelmente os trajetos do garoto pelas ruas de Viena [para Serguei representa] o evitamento que consiste em fechar o livro” (p. 56).

Ainda sobre a fobia, Tironi (2013) lembra que foi após o sonho com os lobos na árvore que os sinais da neurose de angústia se manifestaram ocultando a causa da neurose infantil:

O sonho apresenta, através da ativação da cena primária (não é uma recordação), o modelo de satisfação que o menino espera obter do pai (copular com o pai do mesmo modo que sua mãe) e a compreensão de que a castração é uma condição necessária para isso. Neste sentido, o sonho permite uma conjugação entre o pai e a castração. A cena primária, que se encontra na série do trauma primordial, funcionou como um primeiro elemento e passou a dar lugar a sucessivos desdobramentos que localizavam a relação do menino com o pai. (TIRONI, 2013, p. 57).

Os sintomas obsessivos de conteúdo religioso substituíram os sintomas fóbicos e histéricos. Essa fase se iniciou com as atitudes da mãe de Serguei que, devido aos maus comportamentos da criança passa a lhe contar histórias bíblicas a contragosto do menino, porém surtiram o efeito desejado – as malcriações do garoto desapareceram completamente. Entretanto, surgiram sintomas obsessivos como a realização de rituais religiosos, após sua visita ao pai no sanatório. Para Tironi (2013), esse fato seria um indicativo da identificação do menino para com o pai castrado. Situação que Freud considerava atípica ao campo da neurose obsessiva.

A partir dos sintomas descritos acima e da hipótese diagnóstica sobre a escolha da neurose obsessiva formulada por Freud (1918[1914]/1996), podemos constatar que ela sugere “uma regressão até o ponto de fixação da libido na organização pré-genital sádico-anal. [De modo] que os impulsos de ódio e o erotismo anal na sintomatologia da neurose obsessiva possuem papel extraordinário” (TEIXEIRA, 2007, p. 13).

Na fase adulta de Serguei, Freud (1918[1914]/1996) mantém a hipótese diagnóstica de uma neurose obsessiva, porém, não desconhece a presença de alguns traços psicóticos que se intensificam ao ponto de encaminhar o tratamento do paciente para uma de suas alunas especialistas em psicose. Assim, Aflalo (2011) propõe que, “se nós aceitarmos considerar esse critério evolutivo da doença, então podemos reduzir esse polimorfismo clínico ao binário de Freud: neurose obsessiva crônica e paranoia aguda” (p. 60).

Ainda que não seja foco desta investigação, torna-se oportuno pontuar, de modo breve, os diagnósticos posteriores a Freud. Ruth Mack Brunswick, a primeira indicada pelo próprio Freud, diagnostica-o como

um caso de paranoia tipo hipocondríaca com sintoma monossintomático – localizado nos delírios de mutilação –, característico das afecções psicóticas. Ela conclui que a megalomania funcionava como uma proteção à construção da situação persecutória que apareceu logo em seguida: “o delírio hipocondríaco oculta as ideias de perseguição e lhe proporciona uma forma adequada ao conteúdo de toda a enfermidade”. Além da hipocondria e da perseguição, ela pontuou a ausência de alucinações nos delírios e ligeiras ideias de referência na estrutura psicótica de seu paciente. (TIRONI, 2013-2014, p. 62).

Ao que tudo indica Serguei se recuperou repentinamente, não restando nenhuma marca de psicose ou tendências paranoides. Retornou à análise com Brunswick após dois anos, devido a uma relação amorosa conturbada. Esse tempo de análise se estendeu por vários anos, com certa irregularidade (TIRONI, 2013).

Muriel Gardiner foi a terceira analista do Homem dos lobos, nos períodos de 1938-1949 e, posteriormente, em 1956. Gardiner citada por Tironi (2013, p. 62) salientou que depois do “suicídio da esposa, em 1938, ele não conseguia falar de nada que não fosse si mesmo, a morte da mulher e a crueldade do destino”. Tornaram-se comuns episódios depressivos em intervalos de dois a quatro anos. Porém, esses estados depressivos se relacionavam a acontecimentos como uma perda real e outras desesperanças, gerando dúvidas obsessivas, culpa, autoacusações e sensação de fracasso.

Para Gardiner mencionada por Tironi (2013, p. 63), “os períodos de depressão, de dúvida, de vacilação, de ambivalência, de sentimento de culpa e de fortes necessidades narcísicas eram manifestações do defeito que a neurose obsessiva deixou após a recuperação do paciente”. Isso porque os sintomas foram amenizados e muitos se modificaram, entretanto, jamais desapareceram. Vemos, portanto, que as formulações de Gardiner reforça o diagnóstico freudiano de neurose obsessiva.

Ainda na esfera do diagnóstico temos releituras de renomados psicanalistas como Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller que formulam como hipótese diagnóstica uma psicose e

uma psicose ordinária, respectivamente. Assim, a releitura de Lacan (1964/2008) do caso evidencia a dinâmica existente na relação sujeito e objeto, na qual se tem, de um lado, o lobo como nome de sujeito e, de outro lado, o objeto, ou melhor dizendo, o sujeito tomado como objeto, na cena primária, puro olhar assistindo à cópula parental.

Aqui pode-se deprender uma dicotomia básica entre neurose e psicose do ponto de vista lacaniano, enquanto, na neurose a função do sujeito prima, na psicose, é “como objeto da linguagem, como presa da fala do Outro, que encontramos o falasser” (VIEIRA, 2012, p. 712). Com efeito, a alucinação do dedo cortado oferece à Lacan uma mostra de como o real da fala “vão te cortar o membro” atravessa Serguei a ponto de intermediar seu encontro com a linguagem.

Miller (1998), por sua vez, destaca como que, na atualidade, tomamos os sintomas em lugar de sujeitos o que nos levaria ao que ele apresentou como uma psicose ordinária na Convenção de Antibes. O autor denominou de psicose ordinária os casos que se apresentam sem grandes fenômenos produtivos, por isso, podem passar despercebidas ao senso comum e até mesmo a alguns psiquiatras, ainda que ocorro com grande frequência. Nesse sentido, as psicoses ordinárias aparecem sob novas formas de desencadeamentos, conversões e transferências.

Depreende-se, pois, que diante dessa diversidade de diagnósticos, podemos constatar que o caso do Homem dos lobos é um caso paradigmático da clínica psicanalítica, visto que “não se encontra uma classificação satisfatória de Serguei Pankejeff nas estruturas clínicas delimitadas por Freud e formalizadas por Lacan na clínica estruturalista do Nome-do-Pai” (TIRONI, 2013, p. 44). Talvez não fosse incorreto considerá-lo como um caso inclassificável, como propõe a mesma autora. Isso porque Kraepelin, como psiquiatra, diz ser uma loucura-maníaco-depressiva; Freud, teórico das neuroses, propõe ser uma neurose obsessiva; Lacan, teórico das psicoses, afirma ser uma psicose; e Miller, teórico das psicoses ordinárias, evidencia se tratar de uma psicose ordinária. Isso nos leva a questionar: seriam essas formulações, a constatação dos limites diagnósticos?

Sobre esses limites, Milner (2006) nos convida a refletir sobre o diagnóstico, em psicanálise, por meio das “classes paradoxais”, nas quais o elemento de subjetividade não se deixa incluir em uma classificação. Isso porque as nomeações conduzem, buscam igualar o sujeito a fim de produzir um efeito apaziguador. Porém, termina por provocar o aparecimento de um sujeito esvaziado de subjetividade, sem substância e sem predicados (MILNER, 1995).

Nesse contexto, a psiquiatria constrói nosografias, enumera sintomas, tratados como propriedades caracterizadoras. Mas a psicanálise, ao receber tais classificações, deve saber, que se trata de um semblante, uma vez que há algo que escapa às nomeações e que não pode

ser esgotado na classe representável. Miller (1998) acrescenta o termo “inclassificáveis” e a existência de dois momentos clínicos, o primeiro nominalista, no qual aparece a singularidade do sujeito que é inclassificável por excelência, e um segundo estruturalista que pensa os sintomas e as estruturas. Dessa forma, “toda classificação bem-feita deve incluir a classe dos inclassificáveis” (p. 400).

Além disso, Miller (2008-09) nos chama a atenção para essas variáveis diagnósticas do caso do Homem dos lobos no sentido de que o diagnóstico, em psicanálise, pode ser pensado enquanto uma “coisa de fineza”, que somente deve ser desenvolvido em um ambiente transferencial, no qual o sujeito, ao se dirigir a um Outro que imagina supor um saber sobre ele, coloca-se a proferir seus significantes, produzindo inclusive sentidos. A partir disso, desvela-se sua posição na fantasia e suas construções por meio de seu romance familiar. Para o autor, somente dentro desse contexto específico é possível realizar a difícil tarefa de diagnosticar com o objetivo de estabelecer uma direção de tratamento. Diante dessa formulação, não incorreríamos em um erro afirmar que apenas Freud, Brunswick e Gardiner, estariam aptos a realizar um diagnóstico de Serguei, os demais interessados poderiam somente criar conjecturas e suposições.

Por esse viés, a leitura que se depreende do campo psicopatológico balizado inexoravelmente pelos manuais diagnósticos e suas excessivas classificações evidencia como a cautela na análise de cada caso foi se perdendo e o que encontramos atualmente, é a morte da clínica, em favor de classificações categoriais como as apresentadas pelo DSM-5. Isso porque a partir do instante que se iniciou a definição das patologias psiquiátricas por meio de agrupamentos de sintomas, as narrativas dos pacientes, das histórias de vida, das causas sociais e psicológicas específicas que poderiam ter relação com determinado sofrimento psíquico ou comportamento, como verificamos no caso do Homem dos lobos, passaram a ser desconsideradas (CAPONI, 2014).

Assim como a temporalidade de cada sujeito se torna inadequada, visto que, no contemporâneo, o único tempo que se admite é o acelerado. Contudo, em psicanálise, o tempo está diretamente associado à direção do tratamento, especialmente em Lacan, porém, já em Freud é possível destacar a importância da temporalidade, como vemos no caso do Homem dos lobos.

5 FIXAÇÃO DO TEMPO DO FIM DE ANÁLISE E A TRANSFERÊNCIA COMO ÍNDICE

Por fim, o eixo relativo à fixação, por parte de Freud (1918[1914]/1996), de uma data para o fim de análise independente dos acontecimentos posteriores, nos suscita alguns questionamentos, dentre eles, destacamos: quais consequências podemos extrair da estratégia freudiana em relação ao caso clínico do Homem dos lobos? Esse término teria sido precipitado? Para tanto, duas questões se fazem necessárias, a primeira diz respeito ao que levou o mestre de Viena a tomar tal decisão e a segunda se refere ao que ele aponta como indícios de que o analisando está pronto para o fim de análise.

No que concerne à decisão, inicialmente, devemos lembrar que o médico vienense diagnostica o Homem dos lobos como um caso de neurose obsessiva. Dentre as percepções do médico sobre o avanço da análise, torna-se clara a dificuldade de remoção dos sintomas, a ritualização dos atendimentos e a satisfação de Serguei encontrada na eternização da transferência, uma vez que “o Homem dos Lobos é um paciente [...], motivado por um desejo de permanência típico, inclusive, da sua modalidade de amor e do objeto anal” (BARRETO, 2011, p. 197). Assim, Freud (1918[1914]/1996) afirma que Serguei “permaneceu muito tempo inexpugnavelmente entrincheirado por trás de uma atitude de amável apatia. Escutava, compreendia e permanecia inabordável” (p. 20).

Nesse sentido, Freud busca um modo de cortar essa necessidade de permanência de Serguei, abalando

[...] sua sutil sabotagem e seu apego à preciosa doença. [Fato é que] esse limite fixado gera uma pressão inexorável e, assim, é produzido o material que torna possível esclarecer suas inibições e eliminar seus sintomas. O estratagema funcionou [já que] com a antecipação do final, Freud pretendia fazer surgir uma nova significação. O paciente fornece um material límpido, [...] do que podemos fazer alusão à sua relação com os meandros do intestino: evacuar um material, dando ao Outro um objeto precioso, após retê-lo duramente. (BARRETO, 2011, p. 198).

Entretanto, tal cura se mostrou temporária, uma vez que, posteriormente, a constipação retorna e o acompanha até o fim de seus dias. Desse episódio, depreende-se duas leituras questionadoras. A primeira delas diz respeito ao fato de que, provavelmente, o fornecimento de material para a elaboração, assim como a própria cura temporária, seja um presente dado ao Outro. O que suscita a pergunta: será que o que houve foi um deslocamento, no sentido de que antes as fezes eram um presente dado ao pai e Serguei ao colocar Freud na posição de pai, passa a endereçar o presente a ele? Nesse sentido, a cura temporária não seria um modo de

expressão de “amor ao salvador”? Mahony (1992, p. 148) chama essa cura de “sintoma transitório”.

Uma segunda questão nos remete ao desejo do analista, com isso queremos dizer que “a característica de estar situado no discurso da ciência, marcado por um desejo de saber, não é sem consequência” (BARRETO, 2011, p. 197). Até que ponto essa precipitação do término da análise não se referia ao desejo de Freud tanto de finalizar esse processo, como de comprovar sua teoria? Sobre essa questão, Mahony (1992, p. 148) afirma:

Freud não sabia que estava sendo lisonjeado em suas fantasias onipotentes e sendo ultrapassado pela força intestinal do Homem dos Lobos. Ficaremos surpresos ao descobrir [que] por volta do fim do mesmo tratamento, Freud tinha se aborrecido com problemas intestinais que duraram vários meses, necessitando fazer uma consulta e uma retoscopia.

Fato é que o próprio Freud, em “Análise terminável e interminável”, de 1937, retoma o caso e admite que:

fixar o tempo de duração de uma análise mostrava ser um recurso inadequado para a condução do tratamento analítico. Se, por um lado, fez acelerar o processo, por outro, o fez ser interrompido antes do seu fim. Segundo Freud, algumas das crises posteriores ao suposto final de análise se deveram a partes residuais da transferência que apresentavam um caráter distintamente paranoico. (TIRONI, 2013, p. 61).

Se Freud publicou os casos que não foram considerados bem-sucedidos para mostrar como é necessária a constante revisão da teoria, podemos pensar que a partir do caso clínico do Homem dos lobos, ele teve a oportunidade de revisar o manejo da transferência bem como as questões referentes ao término de uma análise. O que nos leva a indagar: que aspectos da transferência o levaram a revisar a questão do fim de análise? Isso porque uma das precipitações decorrentes da leitura do caso concerne a refletir se toda análise é passível de um término.

Freud (1937/1996) apresenta três fatores decisivos para se pensar o sucesso de uma análise, são elas: a influência dos traumas, a força constitucional das pulsões e as alterações do ego. Nesse sentido, podemos pensar esses aspectos também como condição para o fim de análise, no sentido de a desmontagem da pulsão possibilitar a queda das transferências.

No caso do Homem dos lobos, o médico vienense afirma que algumas das crises posteriores de Serguei estão associadas a partes residuais da transferência que não foram resolvidas (FREUD, 1937/1996). A partir dessa percepção freudiana, não se configuraria um erro pensar a transferência não somente como condição de entrada, mas também como índice de saída da mesma.

Com efeito, ao investigar os aspectos da transferência no caso, deparamo-nos com uma grande dificuldade, uma vez que o mestre de Viena raramente fez referência explícita à transferência nesse caso específico (MAHONY, 1992). Entretanto, alguns pontos são dignos de nota, o primeiro se refere à preferência de Serguei por coisas alemãs (influência de um tutor alemão que teve na infância) às coisas de sua terra (representantes de seu pai), o que, para Freud (1918[1914]/1996), impulsionou a transferência no tratamento. Entretanto, Mahony (1992) considera como marco inicial da transferência o fato de que Freud não se objetou ao relacionamento do paciente com Teresa, diferente dos familiares de Serguei e dos seus antigos terapeutas, no entanto, estabeleceu uma regra de abstinência durante o tratamento.

Em outro momento, Freud (1918[1914]/1996) explica o comportamento de Serguei na transferência: “sempre que, assustado pelas dificuldades do tratamento, recuava para a transferência, costumava ameaçar-me dizendo que ia devorar-me e, depois com toda espécie de maus tratos – os quais eram todos uma expressão de afeição” (p. 111). Nas palavras do analisando, essa posição de substituto do pai torna-se bastante clara: “meu pai havia morrido há pouco tempo, e a personalidade destacada do professor Freud foi capaz de preencher esse vazio. Encontrei na pessoa do professor Freud um novo pai, com quem tinha um excelente relacionamento” (GARDINER apud MAHONY, 1992, p. 64).

Assim, ao que tudo indica os resíduos transferenciais mencionados por Freud (1918[1914]/1996) correspondem a essa questão de que Serguei jamais aceitou sair da posição de filho predileto. Situação, inclusive, que leva muitos psicanalistas e pesquisadores a afirmar que o Homem dos lobos sustentou sua relação transferencial com Freud até o fim de sua vida. Assim, a transferência, ou melhor dizendo, o desfazer-se da transferência parece ser índice incontestável do fim de análise.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa investigação, constata-se que os 100 anos da publicação do caso clínico do Homem dos lobos o tornou um caso riquíssimo, cheio de minúcias que evidenciam a dinâmica complexa entre a trama dos conceitos e a *práxis* psicanalítica. Ainda que Freud o tenha classificado como um caso de neurose infantil, por vezes, deparamo-nos com releituras que apontam outros tantos aspectos que se tornam chaves de interpretações variadas. No entendimento de Vieira (2012), é justamente essa abertura à revisitação e, constante, possibilidade de desenvolvimento teórico e atualização clínica que permitem pensar esse caso como

um clássico da psicanálise, de modo a permitir releituras capazes de ressaltar aspectos que se mostram sempre atuais.

Nesse conseguinte, o estudo apontou como eixos fundamentais do caso: o desenvolvimento do conceito de cena primária e sua remontagem a partir de um sonho que Serguei teve aos quatro anos; a diversidade diagnóstica, que apresenta outros diagnósticos e desdobramentos do caso e o fim de análise, que suscita muitas discussões quanto a sua antecipação.

Apontam-se como limitações do estudo a falta de densidade teórica dos eixos escolhidos devido a proposição de três eixos e o espaço insuficiente para tamanha apresentação. De modo que seria interessante, posteriormente, o desenvolvimento dos eixos em separado, visto que os mesmos comportam material suficiente para a composição de textos específicos. Ainda consideram-se insuficientes as elaborações concernentes aos desdobramentos propostos, principalmente, por Lacan e Miller sobre o caso.

Em um estudo posterior, sugere-se a apresentação das formulações lacanianas e millerianas. Assim, como uma reflexão mais aprofundada da querela diagnóstica em tempos de DSM, em que se proliferam, a cada edição lançada, uma grande quantidade de transtornos mentais e como uma leitura psicanalítica dessa situação, a partir do caso do Homem dos lobos, aponta esses excessos diagnósticos como o limite das classificações no campo da psicopatologia.

REFERÊNCIAS

- AFLALO, Agnès. Reavaliação do caso do Homem dos Lobos. In: FIGUEIRÓ, Ana Maria; LAIA, Sérgio (orgs.). **O homem dos lobos... com Lacan**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011. Parte 1, p. 53-122.
- BARRETO, Cristiane. O “Homem dos Lobos”: a precipitação do término do tratamento. In: FIGUEIRÓ, Ana Maria; LAIA, Sérgio (orgs.). **O homem dos lobos... com Lacan**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011. Parte 1, p. 185-199.
- CAPONI, Sandra. O DSM-V como dispositivo de segurança. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 741-763, set. 2014.
- FERRETTI, Marcelo Galletti. **Ontogênese e filogênese em Freud**: uma visão de conjunto. 2014. 165 p. Tese (doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 23, p. 239-287.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918[1914]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 17, p. 11-127.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 7, p. 117-231.

GARCEZ, Marcia Müller; COHEN, Ruth Helena Pinto. O tempo na clínica psicanalítica: um estudo sobre o Homem dos Lobos. **ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/682/551>>. Acesso em: 05 out. 2018.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GRAJEW, Mirian. **Amor e ódio no caso clínico do Homem dos Lobos**. 2019. 149 f. Dissertação (mestrado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

HARARI, Roberto. **Apresentações Clínicas**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

HILÁRIO, Leomir Cardoso; PIOVESAN, Angélica de Fátima; LAGO, Marilúcia Pereira do. Como escrever um estudo de caso: reflexões sugestivas sobre o que é, para que serve e qual a relevância do estudo de caso na prática clínica de base psicanalítica. **Cadernos de Graduação: ciências biológicas e da saúde**, Aracaju / Universidade Tiradentes, v. 11, n. 11, p. 167-180, jan/jun. 2010.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud - volume 2 (1901-1919)**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LYRA, Carlos Eduardo de Sousa. O que é metapsicologia científica? **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 322-329, dez. 2006.

MAHONY, Patrick. **Gritos do homem dos lobos**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARCOS, Cristina Moreira. O não-todo de Lacan e a lógica do caso clínico. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 4-16, mai./out. 2014.

MILLER, Jacques-Alain. **Coisas de fineza em psicanálise**. Seminário de Orientação Lacaniana. Inédito, 2008-09.

MILLER, Jacques-Alain. **La psicosis ordinária**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. **Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica. Conversação de Arcachon.** São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. A. O sintoma e o cometa. In: FUNDAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO. **O sintoma charlatão.** Rio de Janeiro: JZE, 1998. p. 8-9.

MILNER, Jean-Claude. **L'oeuvre claire: Lacan, la science et la philosophie.** Paris: Seuil, 1995.

MILNER, Jean-Claude. **Os nomes indistintos.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NASIO, Juan David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

QUINET, Antônio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

QUINODOZ, Jean-Michel. “História de uma neurose infantil (O homem dos lobos)” (1918b). In: QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 175-184.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Pankejeff, Serguei Constantinovitch (1887-1979), caso Homem dos Lobos. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 564-567.

TEIXEIRA, Vanessa Leite. A escolha do sintoma na neurose obsessiva. **Mosaico: Estudos em Psicologia, Belo Horizonte, v.1, n.1, 2007.** Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4343/3153>>. Acesso em: 05 out. 2018.

TIRONI, Angélica Cantarella. O caso paradigmático de O Homem dos Lobos. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, Rio de Janeiro, v.9, n.17, nov. 2013/abr. 2014.** Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_17/revista_17/pdf/ocaso.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

VERSIANI, Estela R. A realidade “ora-psíquica-ora-material” em Freud. **Ágora, Rio de Janeiro, v.4, n.1, jun. 2001.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 out. 2018.

VIEIRA, Marcus André. Homem dos lobos: a atualidade dos casos clínicos freudianos. **Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 32, n. 3, p. 705-715, 2012.**

VORCARO, Ângela. Psicanálise e o método científico: o lugar do caso clínico. In: **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade.** KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (Orgs.). Barbacena MG: EdUEMG, 2010. p. 11-23.